

Faltam 200 dias para a COP30: Belém no mapa do mundo



» HELDER BARBALHO
Governador do Pará

Faltam 200 dias para a COP30, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas. E, em meio a tanto pessimismo e alarmismo daqueles que só querem ver o Brasil de forma sinistra por interesses políticos, econômicos e eleitorais, a COP30 deixa claro, mais uma vez, que nosso país é complexo e que os estereótipos não são suficientes — nunca foram — para definir a grande nação brasileira.

Desafiando todas as platitudes, a maior conferência climática do planeta não será apenas realizada no Brasil. Será no Pará, mais especificamente em Belém, que, durante 12 dias, será a capital mundial do meio ambiente. Belém, a capital da Amazônia, tantas vezes esquecida ou estigmatizada ao longo da história, estará no centro do palco do mundo.

E aqui não falo com ufanismos ou provincianismos. Ressalto que a construção política que tornou essa conquista possível, liderada

pelo presidente Lula, mostra que o futuro do Brasil não está predeterminado. Dependerá sempre das opções que fizermos, das ações que encamparmos, do esforço e das opções estratégicas que escolhermos trilhar.

Essa lembrança é especialmente crucial neste momento de realinhamento geopolítico global. A COP30 em Belém é uma prova de que não devemos ter o complexo de vira-lata e de que nosso futuro vai depender do tamanho das nossas ambições e de nosso trabalho.

No caso específico de Belém, não enfrentamos nenhum adversário externo, mas apenas e tão somente a incredulidade de alguns, mentalidades tacanhas e os maus agouros de sempre. Primeiro, disseram que a cidade não teria condições de acolher a todos os visitantes internacionais. Com soluções criativas e a parceria com o setor privado, esse fantasma desapareceu diante dos fatos.

Depois, questionou-se que a cidade não teria a infraestrutura necessária para sediar o evento. Os investimentos robustos, que deixarão um legado permanente para todos os habitantes da capital da Amazônia, deixam claro que Belém será uma grande anfitriã e ainda contará com a simpatia e a alegria do povo paraense, algo único e que, certamente, encantarà os participantes.

No fundamental, Belém será, por alguns dias, o epicentro das grandes discussões sobre o futuro da vida no planeta. E a COP30, como sempre digo, não é de esquerda nem de direita. Pelo simples motivo de que não existe um fim do mundo “ideológico”. O fim é o fim, e nossa obrigação é evitá-lo.

Temos de reduzir as emissões de carbono para que a temperatura da Terra não comece a se elevar a um ponto de não retorno, que colocará em risco todas as formas de vida e representará a extinção da espécie humana e de todas as espécies.

No caso da Amazônia, iremos mostrar o que já estamos fazendo no Pará para combater a devastação, os garimpos ilegais, e os projetos de bioeconomia com resultados concretos e palpáveis. A sustentabilidade não é um discurso. É uma realidade que precisa apenas escalar para ampliar a proteção dos povos da floresta. A floresta em pé vale mais do que a floresta derubada. Isso não é um lema. É um fato econômico e uma solução ambiental.

Convido a todos a virem para Belém, pois o relógio da COP30 já começou a contagem regressiva. Vamos mostrar, mais uma vez, que o Brasil é capaz de sediar os maiores eventos do mundo. Belém entra no mapa do planeta. Quem diria? A determinação vence todas as barreiras. Sejam bem-vindos!



A dança instável do poder global



» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

O tabuleiro geopolítico mundial assemelha-se, cada vez mais, a um palco em que os atores, antes bem definidos em seus papéis, ensaiam movimentos fora do roteiro, sob o olhar perplexo de uma plateia incrédula. O brilho da outrora incontestável hegemonia americana, farol seguro e firme, vai se atenuando de modo lento mas inexorável. Não se trata de apagão súbito, é crepúsculo gradual decorrente de medidas tomadas por Donald Trump. Elas corroem o poderio do próprio país que ele tencionava proteger. O remédio que ele receita revela-se demasiado tosco para fazer bem ao país debilitado. Por tabela, sacode as relações político-comerciais entre as nações.

Esse cenário de relativo declínio americano abre uma fresta de oportunidade para que outras potências reconfigurem a balança de poder, mexendo na dinâmica das relações internacionais por caminhos que ainda não compreendemos, mas que já se deixam adivinhar.

Nesse intricado xadrez global, a China emerge com desenvoltura de mestre estratégico. O dragão asiático, impulsionado por décadas de crescimento econômico, consolida a rede de influência que vem tecendo com seus parceiros em nível intercontinental. A ordem tradicional vê-se desafiada. As ambiciosas novas Rotas da Seda, com seus tentáculos de infraestrutura e investimento, redefinem laços comerciais

e econômicos, enquanto a ascensão de empresas tecnológicas chinesas alarga as fronteiras da inovação.

Paralelamente, com a modernização constante de suas forças armadas, Pequim projeta uma sombra de poderio militar que açambarca águas e ilhas ao largo de seus mares meridionais. O país não apenas aproveita o vácuo deixado por um possível recuo americano, mas também molda ativamente um novo cenário global, onde sua voz e seus interesses ocupam lugar central. A questão atual não é se a China ascenderá, mas como essa ascensão se dará e qual será seu impacto na arquitetura mundial.

Enquanto o eixo de poder parece deslocar-se para Oriente, a Europa, até outro dia coadjuvante nos dramas globais, prepara-se para um despertar estratégico. Uma ameaça existencial se agita em suas fronteiras orientais, com o conflito latente e as tensões persistentes a lembrarem a fragilidade da paz no continente. Essa percepção, somada a uma crescente dúvida sobre a efetividade do apoio americano, impulsiona um robusto movimento de rearmamento em diversas capitais europeias.

O debate sobre a autonomia estratégica ganha força, impulsionando investimentos em defesa e a busca por maior coesão militar no âmbito da União Europeia. A Europa, consciente de seu peso econômico e de sua herança cultural, está determinada a não ser apenas um espectador passivo na redefinição da ordem global, buscando forjar uma voz unificada e um papel proativo na cena internacional. Contudo, a coordenação entre os diversos interesses nacionais e a superação de antigas rivalidades representam desafios consideráveis nessa jornada rumo a uma autonomia mais ampla.

No extremo oposto dessa dinâmica de ascensão e reafirmação, a Rússia encontra-se

imersa num atoleiro que expôs as fissuras de seu projeto de restauração de influência. A aventura militar, concebida para reafirmar sua esfera de poder e desafiar a expansão da Otan, virou um sorvedouro de perdas humanas e materiais, com consequências econômicas devastadoras e um isolamento internacional danoso. A antiga imagem de um poderio militar incontestável ruiu sob o peso da realidade do conflito prolongado, lançando dúvidas sobre suas ambições geopolíticas. O sonho de reviver a velha glória imperial esbarra na dura contingência de um conflito que consome recursos e erode sua posição no cenário global. A saída desse lamaçal e a redefinição de seu papel no mundo pós-conflito representam um formidável desafio para Moscou.

Diante desse panorama complexo, o planeta observa surpreso a cada episódio. As certezas do século 20, moldadas pelo fim da Guerra Fria e pela unipolaridade americana, se esvaem e cedem lugar a um futuro incerto e marcado por incipiente multipolaridade. A ordem liberal internacional, com suas instituições e seus valores, enfrenta o desafio da ascensão de novas potências com visões de mundo distintas e de rivalidades que ressurgem.

A globalização, outrora vista como força inexorável de convergência, revela suas arestas, suas contradições e seus limites, com o protecionismo e o nacionalismo ganhando terreno. A busca por novo equilíbrio global — capaz de garantir paz e prosperidade num mundo ora interconectado e, paradoxalmente, mais fragmentado — emerge como a grande questão para o século 21. As respostas, por ora, permanecem nebulosas, enquanto a dança instável do poder global continua a surpreender com movimentos imprevisíveis.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (iterina) // circecunha.djf@dabr.com.br



Milhares de pedaços

Não é de hoje que figuras sem maiores expressões acadêmicas usam da titularidade de historiador e de outras formações de nível superior para distorcer fatos históricos, numa tentativa vã e descarada de reescrever o passado recente, sobretudo um passado que manchou para sempre a ficha corrida de diferentes comandos do nosso país. É justamente esse passado recente, envolvendo os escândalos do mensalão e do chamado petrolão, que buscam lançar ao lixo e ao esquecimento, como se nada desses episódios criminosos tivesse sido acompanhado e documentado, par i passo, por milhares de coberturas in loco e em tempo real por todo o jornalismo brasileiro e do exterior.

Apenas uma juntada de todas as reportagens que foram feitas naquele período perfaz com folga mais de dezenas ou centenas de milhões de linhas, todas elas focadas no que a maioria dos analistas passou a considerar como o maior e mais abrangente esquema de corrupção de toda a história brasileira. A história vista de cima, em todo o seu conjunto e com toda a justiça e imparcialidade dos verdadeiros historiadores, não tem lado político e não se alinha ao caminho fácil e enganoso das ideologias. Nem se deixa levar ditames e simpatias de partidos.

Antigamente, se dizia que filósofos e historiadores, para ficar apenas nessas duas vertentes do pensamento, não deviam se alinhar a ideologias, muito menos às de cunho político e partidário. Filósofos que buscaram abrigo em lendas e ideias políticas perderam a capacidade intelectual de isenção e de livre pensamento, restringindo suas ideias ao horizonte curto da política e de seus labirintos sem saídas. Não é de hoje que se ouvem vozes aqui e ali, vindas tanto do mundo político quanto das universidades públicas do país, que buscam distorcer os fatos que levaram o país a conhecer, nos seus meandros, os casos de corrupção acima citados. Volta e meia, alguns desses personagens insistem em dar uma nova explicação para coisas que, em si, foram taxativamente expostas à luz do dia e ao conhecimento geral.

É fato que a ideologia cega. E cega mais ainda quem se acredita um expert em manipular a verdade. O desencaramento é tal que gente desse naipe não se avexa em repetir o mesmo bordão daqueles que protagonizaram e comandaram diretamente esses escândalos. O que chega a ser surpreendente é que professores e pensadores, que deveriam, por sua formação, serem os mais precavidos e ponderados, acabem embarcando na canoa furada que agora culpa a Operação Lava-Jato não pelo desmonte da megacorrupção sistêmica que sangrava o país, mas pelo fato de ter causado impactos geopolíticos, comprometendo a soberania nacional. É o caso aqui do poste urinando no cachorro.

Para alguns desses professores de história, cerceados por lendas partidárias, a Lava-Jato foi o maior desastre da política externa brasileira, pois teria provocado o maior desmonte da engenharia pesada nacional. Tudo isso por ação direta do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. São tantas sandices, sacadas ao léu, que, mesmo se repetidas milhares de vezes, jamais irão se transformar em verdade.

Quem destruiu a engenharia pesada nacional foram os próprios empresários nacionais aliados àqueles políticos daquela ocasião. Não fosse aquela operação virtuosa, ainda hoje os cofres públicos estariam sendo saqueados à luz do dia e sob o olhar complacente de todos aqueles que lucraram com essas rapinagens.

A bem da verdade, versões desse gênero nem sequer deveriam ser levadas a sério. O problema é tentar vender esse peixe mal cheiroso para os jovens que ingressam nas universidades como carne fresca. Os velhos professores dessa disciplina, para os quais a história ensina a não condenar e não absolver, ficam apenas com a alternativa de dizer a verdade, mesmo que esta esteja, como se diz, espalhada em milhares de pedaços por todo o lado.

A frase que foi pronunciada

“Para que um país seja livre de corrupção e se torne uma nação de mentes brilhantes, acredito firmemente que há três membros-chave da sociedade que podem fazer a diferença. São eles: o pai, a mãe e o professor.”

APJ Abdul Kalam

Direito de ir e vir

» As brigas entre moradores de rua e o assédio aos transeuntes das quadras na Asa Norte têm sido a marca da pouca atenção do governo. O que se vê é a falta de iniciativa e apoio para uma morada decente tanto para os abandonados quanto para os pagadores de impostos.

História de Brasília

Depois, outra notícia circulou. É que havia caído um raio na antena do aparelho e inutilizou-o. Ninguém sabe de fato a razão ou as razões, mas sabe que o equipamento está fora de uso e os médicos não foram sequer procurados para devolver o transistor que tinham sempre ao bolso. (Publicada em 29/4/1962)